

Prólogo

A apresentação de uma coletânea de artigos sempre se distende entre duas tentações. A primeira consiste em se deixar levar pela contingência de cada artigo, por seu endereçamento particular, pelas circunstâncias de sua elaboração, pelo que concorreu para a sua realização. A segunda consiste em se deixar fascinar pelo efeito de organização, algo que só ocorre depois da distribuição dos artigos em capítulos e partes do livro. Sabiamente arrumados, os artigos parecem responder uns aos outros e, é claro, uma linha mestra se revela. Uma intenção se impõe. Desde o início, buscava-se a consistência da pesquisa. Um bom prólogo, portanto, deve evitar essas duas tentações. Recusar tanto a contingência quanto a necessidade. A melhor maneira de fazê-lo é ter como base a lógica temporal do sujeito e de seus eclipses, aceitando ler, desse ponto de vista, os efeitos produzidos pela organização do livro que me foi proposta por Angelina Harari, coordenadora, no Brasil, da coleção *Opção Lacaniana*.

A coletânea, assim, compõe-se de quatro partes e um epílogo. A magia evocada pelos nomes faz pensar na comédia que marcou o retorno do cinema inglês às telas francesas: *Quatro casamentos e um funeral: cinco razões para continuar solteiro*, da qual lembramos, sobretudo, a primeira parte. No caso, devemos ler “quatro partes e um epílogo: cinco razões para se orientar pelos princípios

diretores do ato psicanalítico”, que fecham o livro. Com efeito, as reflexões que inspiraram estes artigos se fundamentam no ensino e na prática da psicanálise em vários contextos.

A primeira parte, sobre psicanálise aplicada “com crianças”, de acordo com a expressão de Robert e Rosine Lefort, inicia-se com a importância do deslocamento operado por Lacan na ênfase sobre a relação mãe-criança, a fim de se orientar sobre o lugar da criança para a mãe como mulher. As reflexões sobre o autismo, publicadas há quinze anos, fazem parte de um diálogo com o trabalho dos Lefort, cujo recente falecimento me levou a atualizá-las em um texto a ser publicado em breve. A orientação sobre o real em jogo na psicanálise de crianças encontra sua desembocadura no último artigo dessa primeira parte, que comenta a expressão de Lacan, segundo a qual a criança é um “objeto *a* liberado”.

A segunda parte interroga os usos do “Nome-do-Pai” na prática psicanalítica e na civilização. Quinze anos separam o primeiro do último texto, que é um testemunho do trabalho de preparação para o Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) *O Nome-do-Pai: prescindir, servir-se dele*, ocorrido em Roma, em julho de 2006.

Por sua vez, a terceira parte aborda a clínica atual, à luz da evolução dos diferentes sentidos do sintoma. O sintoma que se endereça ao analista na entrada em análise não é o mesmo sintoma quando se sai dela, após terem sido atravessadas as repetições próprias ao desenrolar do tratamento. Aqui, a clínica lacaniana se opõe tanto à psicanálise cognitiva, nova versão da *Ego psychology*, quanto aos reducionismos científicos.

A última parte está centrada no debate entre a psicanálise e os efeitos devastadores do cientificismo, tais como eles se manifestam nas proposições das terapias autoritárias e nas soluções falsamente científicas encontradas pela civilização.

Lacan se revela “o analista do futuro” por ter sabido antever o valor de um uso distorcido do universal científico nas ideologias e nas práticas científicas. Nossa “sociedade do sintoma”, na qual se

multiplicam novas normas e novas classificações do sintoma, deve ser considerada de um ponto de vista inteiramente diferente. Trata-se daquele explicitado nos princípios diretores do ato psicanalítico, tal como extraídos da “orientação lacaniana”. Essa orientação se fundamenta na leitura contínua do ensino de Lacan, revigorado, ano após ano, pelo curso de Jacques-Alain Miller.

As conseqüências para a psicanálise e para suas formas de organização institucional estão apresentadas no discurso de candidatura à função de Delegado Geral da Associação Mundial de Psicanálise, lido em Roma, em julho de 2006. Esse discurso prossegue as reflexões esboçadas por ocasião do relatório apresentado à primeira Assembléia da AMP sob o título “Estado, sociedade, psicanálise”, publicado no Brasil pela revista *Opção Lacaniana*.

Então, afinal, era verdade. Essas diversas intervenções em jornadas, congressos e seminários no Brasil e em muitos outros países, que são sempre o país da psicanálise, estão demarcadas por uma linha mestra. Sem que eu soubesse, já estava orientado, mas apenas a compilação *a posteriori* dessa coletânea me dá a chance de saber o que se tece com essa linha. Uma coletânea de textos é uma pontuação em uma série de reflexões. Os leitores benevolentes por ela convocados serão, pelos usos que farão dessa pontuação, os parceiros que me permitirão ler melhor o que aqui está em jogo.

Paris, maio de 2007

Éric Laurent